

SEÇÃO RESENHAS / RESUMOS

Autor da Resenha: Afonso de Sousa Cavalcanti*

Resenha da obra:

DESCARTES, René. *O Discurso sobre o método*. São Paulo: Escala, 2002.

René Descartes (Touraine, 1596 - Estocolmo, 1650), também conhecido como *Renatus Cartesius*, foi filósofo, físico e matemático francês. *O Discurso sobre o método*, por vezes traduzido como *Discurso do método*, ou ainda *Discurso sobre o método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência*, é um tratado matemático e filosófico de René Descartes, publicado na França, em Leiden, em 1637. A obra foi publicada em 1637 em francês e em 1656 em latim. Trata-se de uma profissão de fé na verdade, na busca da verdade. Essas causas devem ser procuradas pela reflexão e pela pesquisa, ou seja, por meio do raciocínio e de experiências que deem suporte a esse raciocínio, que leva a deduzir as verdades científicas que, por sua vez, conduzem à verdade suprema.

O Discurso sobre o método está dividido em seis partes, possui uma breve introdução. Na introdução, Descartes descreve a divisão do livro e explica de fato aquilo que o pesquisador irá encontrar nas seis partes que contemplam a obra. Desta forma, as seis partes descrevem minuciosamente o que é relatado a seguir:

a) na primeira parte começa descrevendo que o bom senso é igual em todas as pessoas. Em seguida tece várias considerações sobre as ciências. Ele diz que a idade possibilitou-lhe sair da submissão de seus preceptores e abandonar totalmente o estudo das letras. Decidiu não mais procurar outra ciência, além daquela que se encontrava nele mesmo, ou então no grande livro do mundo. Dedicou-se a fazer experiências e com isso pensava que tiraria algum proveito delas;

b) na segunda parte descreve as principais regras sugeridas por ele para a prática científica. Em sua visão, não existe tanta perfeição nas obras formadas de várias peças, e feitas pelas mãos de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Discorre sobre as quatro regras do método: a primeira é a de não aceitar algo como verdadeiro, sem que antes tenha prova como tal; a segunda é a de repartir minuciosamente as dificuldades de forma a ter clareza delas; a terceira é a de conduzir com ordem “meus” pensamentos, partindo das idéias mais simples às mais complexas; e a última, o de efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais “eu” tivesse a certeza de nada omitir;

c) na terceira parte o autor apresenta algumas das justificativas do método. Diz

* Mestre em Filosofia e Doutor em Educação, Administração e Comunicação. Professor de Filosofia, Sociologia e Política Educacional Brasileira na FAFIMAN.

ele que concebeu para si mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas, a saber: a primeira era obedecer às leis e aos costumes de seu país, mantendo-se na religião na qual Deus lhe concedera a graça de ser instruído; a segunda máxima consistia em ser o mais firme e decidido possível em suas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões mais duvidosas; a terceira máxima era a de procurar sempre antes vencer a si próprio do que ao destino, e de antes modificar os seus desejos do que a ordem do mundo; por fim, decidir passar em revista as diferentes ocupações que os homens exercem nesta vida, para procurar escolher a melhor;

d) na quarta, René Descartes demonstrou as provas da existência de Deus e da alma humana, fundamentos da metafísica. O filósofo afirmou sobre a necessidade da meditação constante. Para teorizar sobre as meditações fez referência ao “Penso, logo existo”. Para ele, conhecer é maior que duvidar, mas é preciso duvidar de tudo para se obter a garantia do conhecimento. Vai adiante, diz que muitas pessoas não consentem sobre a existência de Deus e da alma humana;

e) na quinta parte, Descartes faz algumas aplicações do método às questões físicas e relativas à medicina; também descreve as particularidades da alma humana. Para ele, Deus estabeleceu certas leis de natureza e imprimiu essas noções em nossas almas. A alma humana não foi tirada da matéria e por isso é imortal;

f) na sexta parte, destacam-se as razões que o levaram a escrever o tratado e aquilo que declarou ser essencial para o progresso do conhecimento. As experiências são tanto mais necessárias quanto mais avançados estivermos no conhecimento.

Nessa obra, René Descartes quis estabelecer um método universal, inspirado no rigor matemático e em suas “longas cadeias de razão”. Descartes foi extremamente racionalista, mas muito preciso quando traçou as quatro regras do discurso sobre o método, a que precisamos registrar e fazer uso para nos afastamos da dúvida. Eis as quatro regras:

1. A primeira regra é a busca da *evidência*. Ele diz não admitir “nenhuma coisa como verdadeira se não a reconheço evidentemente como tal”. Em outras palavras, evitar toda “precipitação” e toda “prevenção” (preconceitos) e só ter por verdadeiro o que for claro e distinto, isto é, o que “eu não tenho a menor oportunidade de duvidar”. Por conseguinte, a evidência é o que salta aos olhos, é aquilo que não “posso” duvidar.

2. A segunda é a regra da *análise*: “dividir cada uma das dificuldades em tantas parcelas quantas forem possíveis”. Trata-se da divisão do problema para facilitar a compreensão.

3. A terceira é a regra da *síntese*: “concluir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer para, aos poucos, ascender, como que por meio de degraus, aos mais complexos”. Ao sintetizar o sujeito percebe o que é mais simples e menos significativo, diante daquilo que é complexo e mais significativo.

4. A última é a regra da revisão completa, dos “desmembramentos tão comple-

xos... a ponto de estar certo de nada ter omitido”. É a hora de conferir tudo o que foi realizado, ao mesmo tempo em que o sujeito revive toda a trajetória da experiência que lhe deu o conhecimento.

O método cartesiano tornou-se muito célebre porque, nos séculos posteriores, muitos pensadores viram nele a possibilidade do livre exame de tudo o que existe e também do poder do racionalismo filosófico.